

4408

253 J

Índios fazem ocupação no extremo sul de MS

CAMPO GRANDE – Os índios kaioiwá-guarani, da aldeia Pirajuí, resolveram intensificar as ocupações de fazendas, sítios e chácaras de Paranhos, distrito de Taguapirí, no extremo sul do Mato Grosso do Sul – a 402 quilômetros de Campo Grande –, iniciadas em abril. Agora, as invasões são diárias. Ontem, ocorreu a 46ª ocupação.

Os índios alegam que a área de 4.025 hectares é território indígena. De posse de documentação que, segundo eles, comprova a propriedade legítima da área em litígio, fazendeiros e sitiantes de Paranhos já ingressaram com várias ações de reintegração de posse na Justiça Federal e aguardam a decisão. Não foram registrados confrontos ou feridos.

A Fundação Nacional do Índio (Funai) admite, teoricamente, tratar-se de área indígena, porém, ainda não homologou os 4.025 hectares, necessitando de pareceres técnicos de antropólogos. Enquanto isso, os índios, organizados em uma espécie de exército com aproximadamente 400 guerreiros – entre eles garotos de dez a 12 anos – continuam ocupando propriedades rurais na região produtora de leite e hortifrutigran-

jeiros, tendo como principal arma a surpresa.

A ação dos índios foi iniciada dia 19 de abril quando 1,2 mil homens, mulheres e crianças saíram da aldeia Pirajuí, no mesmo município, onde vivem 1,6 mil pessoas em 2.118 hectares, e seguiram a pé para Taguapirí, a cerca de 16 quilômetros. Naquele dia, expulsaram oito famílias do local e tomaram as casas. Esconderam suas verdadeiras identidades, pintaram o rosto de preto e assumiram nomes de guerra.

O chefe da guarda, que se identifica como Mimbiara, afirmou que todo dia haverá uma expulsão de branco, “até que toda área seja desocupada”. Segundo o índio Avaruvixa, o número de famílias indígenas está aumentando a medida que novas áreas vão sendo conquistadas. Atualmente existem 300 índios nas propriedades ocupadas.

O resultado das ações dos índios tem sido sentido de forma diferente pelas famílias. O ex-prefeito de Paranhos, Domingos Gregor Puckes, por exemplo, ficou sem a Fazenda São José do Jatobá, com 180 hectares, mas não demonstra muita preocupação.